

TCC/UNICAMP
B278a
2506 FEF/974

MÁRCIA REGINA MANTOVANI BARROS

ARGUMENTOS EM FAVOR DE UMA EDUCAÇÃO FÍSICA
=====

DE 1ª À 4ª SÉRIE
=====

TRABALHO DE MONOGRAFIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DA UNIVERSIDADE DE CAMPINAS- UNICAMP

CAMPINAS - 1990

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Biblioteca - F. F. F.

SUMÁRIO



INTRODUÇÃO	01
I. SITUAÇÃO DA ESCOLA ATUAL	03
II. UMA EDUCAÇÃO FÍSICA DE GRANDE VALOR	05
III. DESENVOLVIMENTO MOTOR: PONTO DE PARTIDA, PARA ELABORA - ÇÃO DE ATIVIDADES FÍSICAS	07
IV. A CRIANÇA E O ASPECTO MOTOR	10
V. A RELAÇÃO ENTRE O ASPECTO COGNITIVO E O ASPECTO MOTOR .	12
VI. A EDUCAÇÃO FÍSICA E O ASPECTO AFETIVO-SOCIAL DA CRIAN - ÇA NO ENSINO DE I GRAU	15
CONCLUSÃO	18
BIBLIOGRAFIA	19

INTRODUÇÃO -

O trabalho transcorre de forma que, inicialmente, colocamos duas situações que têm se apresentado reais em nossos dias. A 1ª é a posição da criança ao entrar para a escola; a 2ª é como a Educação Física tem se apresentado para esta criança.

A seguir procuramos fazer um paralelo entre o desenvolvimento dos vários aspectos da criança e a Educação Física.

Qual a real importância desta educação na escola?

O que tem me levado a pensar na eficácia desta matéria na escola de I grau (1ª a 4ª série), a certa idade, não correspondendo com os padrões motores que, como vamos estudar mais à frente, seriam próprios dela.

Este trabalho tem por objetivo, explorar e questionar a Educação Física de 1ª a 4ª série, em escolas públicas, se bem aplicada sobre o desenvolvimento integral da criança.

Sabemos que nos quatro primeiros anos escolares, a Educação Física é quase inexistente, sendo reconhecida apenas, legalmente apenas, ao entrar para a 5ª série do I grau, o aluno tem sua prática efetivada.

O que a Educação Física, bem direcionada, poderia contribuir no desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo-social de uma criança?

Segundo Go Tani¹, vê-se necessária, a orientação das atividades físicas nas escolas, uma vez que existem processos normais de crescimento da criança, exigindo, que estas atividades sejam compatíveis com as fases de desenvolvimento daquela. Mas, antes de aplicar estas atividades, precisamos saber no que implicam, quais as consequências sob o ponto de vista dos diferentes aspectos, que tal orientação exerce sobre a criança. É neste ponto que tentamos focalizar nosso trabalho.

Vemos que a Educação Física tem tomado diferentes caminhos que rompem com métodos de estruturação antiquados, como o Francês, trazidos ao Brasil na década de 20.

Mais adiante, no decreto de nº 69450/71, vemos estabelec

rem-se orientações curriculares, que vigoram até hoje, propondo uma Educação Física onde o aluno é levado a realizar desporto.

Será este o melhor caminho para a Educação Física e ainda o melhor para a criança?

O descaso da educação em geral, para com a Educação Física não será por que seus profissionais não a levam a sério e nem sabem como valorizá-la?

Partindo do pressuposto de que a educação física é importante para a criança queremos justificá-la.

I. SITUAÇÃO DA ESCOLA ATUAL

Situação I- A criança na Escola.

A criança entra para a escola e uma das primeiras coisas que começa a aprender é ler e escrever. A alfabetização impera, e muitas vezes, em meio a esta ansiedade, a escola encerra seus alunos em carteiras, esquecendo-se que eles possuem, não só o aspecto cognitivo a ser desenvolvido, no caso, a leitura e a escrita, mas toda uma área afetiva e motora a ser trabalhada, que pode também contribuir para que o cognitivo se desenvolva sem amaraços.

Esta criança, barrada em sua ação motora, poderá ter muito mais dificuldades para aprender, pois, "entre os sinais gráficos de uma língua escrita e o mundo concreto, existe um mediador, às vezes esquecido, que é a ação motora"².

É triste ver, que a escola tem perdido seu "fôlego", para os meios de comunicação. Cada vez mais a criança tem sido influenciada por eles, principalmente a TV. No entanto vemos que, ela não é um ser passivo diante das informações recebidas, mas utiliza tais informações para estruturar sua própria realidade. Por isso dizemos que é grande a influência dos meios de comunicação sobre a criança - o que não podemos negar - mas, diante disto a escola deve saber utilizar tal influência, de maneira positiva.

Situação II- A Educação Física na Escola.

No decreto nº 69.450/71 estabeleceram-se novas orientações curriculares propondo que, na Educação Física, desenvolvida no I grau (1ª a 4ª séries), o aluno seja levado a vivenciar, em diferentes situações, os movimentos naturais. Seria a fase da educação do movimento. De 5ª a 8ª séries, seria a fase em que o aluno deveria utilizar destes movimentos naturais nos diferentes desportos, sem haver um rígido comprometimento com regras oficiais. É a fase pré-desportiva. No 2º grau, então, o aluno deve vivenciar os diferentes desportos, especializando os seus movimentos e aplicando regras oficiais. É a fase desportiva. Vemos aqui uma Educação Física que direciona a criança para o desporto³.

Quando falamos em desporto, nos referimos à prática de mo

dalidades esportivas.

A partir deste momento, a educação física passou então, a viver buscando valorizar, primeiramente, o aspecto físico e o rendimento motor da criança, "levando-a" ao desporto competitivo e de alto nível, entrando assim, em contradição com os objetivos propostos que é o de levar a criança a uma prática de atividades psicomotora, cognitiva, afetiva e social, integradas no sentido de proporcionar o desenvolvimento global da criança e sua auto-realização.

Infelizmente, o momento que temos vivido, na maioria das escolas, é um momento onde os professores de educação física têm em mente a preparação de suas equipes para a representação da escola em jogos desportivos escolares, causando, muitas vezes, uma seqüela no desenvolvimento da criança.

II. Uma Educação Física de Grande Valor

"Piaget, Wallon e Vygotsky, consideram a atividade motora como um meio de adaptação, de transformação, de relacionamento com o mundo"², e é assim que queremos começar a falar sobre a educação física. Aquela que se deixa respeitar por que valoriza o ser humano em seu contexto de vida, ou seja, visa aceitar que a criança não pode ser dividida como muitas vezes vemos. Seu corpo parece que se separa de sua mente e de suas emoções. Dentro de uma sala de aula fechada, atrás de carteiras, ela precisa pensar. Fora, no pátio ou na quadra, ela é corpo e precisa seguir seu mestre, o professor.

A educação física da qual quero falar é aquela que tem em vista a criança como ser uno.

Deve levar em conta que a criança entra para a escola com toda uma história de vida, física, sócio-cultural e emocional. Ela vem para a escola com certos conhecimentos e para desenvolver certas habilidades, pode-se partir destes conhecimentos que ela já possui.

Tínhamos em mente, e ainda hoje muitos profissionais pensam desta forma, uma exaustiva educação física - a de adestramento.

Hoje podemos vê-la mais descontraída tendo por conteúdo, a aula a sair do padrão monótono, garantindo o interesse e a motivação das crianças sem perda de vista, objetivos definidos a serem alcançados.

O movimento é uma condição necessária para uma ação, mas não suficiente. O movimento é um meio que o indivíduo encontra para se alcançar um fim ou um objetivo estabelecido intencionalmente; por isso, quando pensamos na educação física, não pensamos em alunos que são constantemente, submetidos a repetições mecânicas de movimentos, que não têm orientação quanto a quando e como usar os movimentos ensinados. Pensamos sim, a educação física que tem por base a adequação das atividades físicas, aos estágios de desenvolvimento, tanto motor, cognitivo, como o afetivo, ensinando a utilizar os movimentos de maneira a atingir eficazmente objetivos pré-estabelecidos.

Como veremos nos capítulos seguintes, um raciocínio lógico é, primeiramente manifesto, através de uma ação motora e a educação física pode e deve levar o aluno, através da atividade motora que ele tenha de executar, a raciocinar, a pensar e a discutir com as formas possíveis de jogar.

Supondo que toda performance habilidosa seja mental, no sentido de ser necessária a percepção, a decisão, o conhecimento, o julgamento, a educação física deverá criar condições para que o aluno, não apenas nas quatro primeiras séries do I grau, mas nas posteriores também, desenvolva: o aspecto cognitivo levando-o a sempre buscar novos desafios, de maneira que ele seja capaz de utilizar habilidades anteriormente adquiridas em novas situações; o aspecto sócio-afetivo, levando o aluno a conhecer-se para conhecer a outros e aprender a integrar-se melhor na sociedade em que vive; o aspecto motor, conduzindo-o a uma boa performance.

Sendo assim, o professor deve assumir o papel de orientador, oportunizador e criador de condições².

III. DESENVOLVIMENTO MOTOR:

PONTO DE PARTIDA PARA ELABORAÇÃO DE ATIVIDADES FÍSICAS

Gallahue (1982), propõe um modelo de sequência, dentro do desenvolvimento motor, com a finalidade de servir como base para a elaboração de atividades físicas. Na sua essência, ele mostra que para se chegar ao domínio de habilidades desportivas, é necessário que a criança tenha tido experiências diversas dentro das habilidades básicas.

A organização da sequência de desenvolvimento de Gallahue se classifica desta forma:

1ª. Fase dos movimentos fundamentais: por volta dos 4 aos 7 anos de idade, com o surgimento de múltiplas formas, (correr, saltar, arremessar, receber, rebater, quicar, chutar) e suas combinações;

2ª. Fase dos movimentos relacionados às habilidades desportivas;

3ª. Estágio especializado das habilidades desportivas. Para Gallahue, este estágio deve ser visto como consequência e não como um fim em si mesmo, no processo de desenvolvimento(1).

O professor de educação Física não deve ter em mente, mecanizar crianças para que cheguem a este estágio, mas ele deve ser "fruto" de todo um trabalho estruturado de base feito anteriormente

Em sua tese, Aprendizagem e Competição Precoce "O caso do Basquetebol", Roberto Rodrigues Paes (4), cita 3 etapas que devem anteceder a especialização de habilidades desportivas. O que queremos salientar aqui, são as etapas pelas quais a criança deve passar para que chegue a executar atividades mais complexas e elaboradas, como: a bandeja no basquetebol, a cortada no voleibol e outras.

1ª Etapa - de 06 à 09 anos -

* desenvolvimento das capacidades coordenativas utilizando formas jogadas;

2ª Etapa - de 09 à 13 anos -

* aprendizagem das técnicas de base da modalidade escolhida;

* prática de outra modalidade;

* exercícios especiais para o desenvolvimento das capaci-

dades que influem na dinâmica da técnica;

- * início da atividade competitiva.

3ª Etapa - 13 à 17 anos -

- * aperfeiçoamento e estabilização das técnicas;

- * continuação do desenvolvimento das capacidades motoras e aumento progressivo da carga;

- * atividade competitiva regular.

Estas etapas nos vem mostrar, mais uma vez que, existem fases na vida da criança que precisam ser respeitadas e que há uma sequência.lógica nas atividades a serem desenvolvidas para que se possam obter bons resultados no desenvolvimento delas.

Uma criança, na maioria dos casos, de 11 anos, que não tenha sido trabalhada de maneira correta anteriormente, levando-se em conta que em seu contexto de vida ela não teve boas oportunidades para conhecer-se corporalmente e desenvolver-se motoramente, tem grande dificuldade em aprender certas habilidades esportivas.

Ao que nos parece, a atividade física dirigida, principalmente nas 4 primeiras séries do I grau, falando em Educação Física , se torna importante, quando comparamos crianças de uma mesma faixa etária, em uma mesma localidade, e vemos que, crianças que nunca fizeram aulas motoras dirigidas têm mais dificuldade de locomoção, localização no espaço, tempo-reação, do que outras que nunca tiveram contato. É aí que fazemos um paralelo com uma experiência realizada num orfanato do Teerã (1960) por Dennis (1), onde o ambiente era relativamente restrito e com pouca estimulação dos bebês e crianças , e que 60% das crianças de 2 anos de idade não sentavam sem ajuda , 85% das crianças de 4 anos não andavam sozinhas. Esta, bem como outras experiências, pode nos fazer aceitar que não apenas a matura-ção da criança atua no seu processo de desenvolvimento como também as experiências vividas por ela.

O fato de ocorrer esta defasagem de movimentos em bebês , por falta de estímulos externos, nos leva a supor que o mesmo se repete em crianças de idade escolar que, sem um ambiente de estímulos adequados, pode fazer com que a criança fique limitada a movimentos

estritamente necessários, prejudicando o próprio conhecimento de si mesma e de sua capacidade de movimentar-se levando-a a ser , possivelmente, um adulto inexpressivo em sua conduta motora.

IV. A CRIANÇA E O ASPECTO MOTOR

Os movimentos são indispensáveis para a vida do ser humano em seus diferentes aspectos.

Desde o nascer, já são conhecidas as necessidades de uma criança através de seus movimentos, sendo que, antes mesmo do surgimento da fala, os esquemas motores básicos de movimentos, se formam

Podemos dizer, então, a partir daí, que a criança desenvolve, o pular, o girar, o correr, o rolar etc.

Há algumas décadas atrás, quando começaram os estudos sobre o desenvolvimento humano acreditava-se que o desenvolvimento motor era um processo natural e progressivo que acontecia sem a necessidade de um ambiente que estimulasse tal desenvolvimento(1). O desenvolvimento motor era algo inerente à criança, mas que não era levado em consideração como fator realmente positivo no seu processo de crescimento.

Hoje, depois de várias investigações e experiências, pode-se dizer que, não apenas a maturação e as características individuais de cada criança, atuam em seu processo de desenvolvimento global, como também, as variadas experiências motoras que ela adquire no decorrer, dos anos, nos mais diferentes espaços.

Vendo desta forma, podemos destacar a importância da educação física em oferecer experiências motoras adequadas para a criança.

Ao analisarmos uma criança em seu processo de crescimento, podemos levar em conta suas próprias características, sua maturação biológica e suas experiências, consigo mesma e com seu mundo

O desenvolvimento motor é um processo contínuo e demorado. Acredita-se que, do nascimento até os 6 anos de idade, é o período em que as experiências adquiridas pelas crianças marcarão o resto de sua vida:(Hottinger, 1980).

Com isso, verificamos que a organização do desenvolvimento se inicia na concepção. O domínio motor, o aspecto afetivo-social e o cognitivo vão gradualmente tomando forma.

No que diz respeito ao motor, a criança vai criando esquemas motores que lhe permitem novas conquistas em relação ao seu es

paço.

Para conseguir algo ela se arrasta, engatinha, anda, e assim por diante.

V. A RELAÇÃO ENTRE O ASPECTO COGNITIVO E O
ASPECTO MOTOR

Dentro do desenvolvimento cognitivo, podemos ver que, o ser humano apresenta diferentes formas de pensar durante as fases de sua vida.

O surgimento da fala, ou seja, da linguagem, na criança vem, muitas vezes, substituir as ações físicas e em outras vezes, estruturar outros atos motores.

Piaget em seus estudos, declara a importância dos movimentos na formação da inteligência, e vários outros autores têm se preocupado em mostrar o movimento como um meio para alcançar o desenvolvimento cognitivo. "Antes que surjam no indivíduo, as primeiras representações mentais, já se manifesta nele um nível elevado de inteligência corporal, que prossegue, mesmo após estruturar-se o pensamento".

O movimento é visto como um elemento essencial na aprendizagem, visto que é através dele que o ser humano, explora o ambiente. São considerados componentes da execução de movimentos: a lateralidade, a imagem corporal, a locomoção, a percepção auditiva, visual e tátil, tendo um importante papel no desenvolvimento cognitivo, entre outros.

Podemos dividir o desenvolvimento cognitivo em vários estágios. Piaget (1962) apresentou quatro principais estágios de desenvolvimento (1):

1º O estágio sensório-motor (pré-verbal, de 0 a 2 anos de idade).

Uma característica básica desse estágio é inicialmente, a ausência de permanência. Assim que os objetos saem de campo de observação do recém-nascido, eles deixam de existir. A criança conhece apenas o mundo sobre o qual age. Posteriormente, na tentativa de buscar objetos, ocorrerão duas aquisições importantes desse estágio:

- a permanência de objetos;
- espaço sensório-motor, onde cada espaço não é mais visto separadamente com seus sujeitos e ações mas tornam-se homogêneos, onde um envolve o outro.

2º O estágio pré-operacional (dos 2 aos 7 anos de idade).
É o início da linguagem, da função simbólica e da representação.

Gradativamente, a criança passa a manipular informações, diferenciando elementos, indo em direção ao jogo simbólico, que consiste em representar alguma coisa por meio de outra.

Um aspecto característico deste estágio é a ausência de conservação. A criança raciocina a partir de uma configuração.

"Quando um líquido é transferido de um frasco para outro, há uma transformação, mas algo permanece constante, ou seja, muda de forma, o líquido, mas não muda a propriedade". (volume)

Esta ausência de conservação ocorre em todas as propriedades dos objetos, como: extensão, área, volume, quantidade, peso.

3º Estágio de Operações Concretas (dos 7 aos 11 anos de idade).

Ocorre o surgimento das operações de classificação, ordenação, construção da idéia de número e operações espaciais e temporais.

Forma-se então, uma representação mental de uma série de ações de classificar ou seriar objetos, de acordo com as diferentes dimensões.

Ao manipular o objeto concretamente, ela manipula operações. Não opera sobre hipóteses expressas.

4º Estágio de Operações Formais (à partir dos 12 anos de idade).

A criança torna-se capaz de operar, não apenas sobre objetos concretos, mas sobre hipóteses e afirmações verbais. É capaz de fazer operações mentais, dedutivas, baseada em afirmações verbais.

"O adolescente e o adulto são capazes de pensar a respeito de si mesmos, e seu pensamento é lógico e sistemático.

Vemos nestas fases, as diferentes formas de agir na criança, no que diz respeito ao aspecto motor e cognitivo que precisam ser levados em consideração, para que haja um ensino eficaz nas habilidades motoras.

Uma criança de oito anos, de idade, por exemplo, (Kerr 1982) só pode lidar com relações lógicas quando o objeto desta relação é manipulado (concreto, visível). Já uma criança de 12 anos de idade, sabe raciocinar, com base em pressupostos e hipóteses.

Em um jogo coletivo, especificamente, podemos ver a diferença entre estas duas fases em seus comportamentos motores, onde, a criança que está no nível das operações concretas (8 anos), procura o melhor espaço para receber e passar a bola. Já o sujeito que está no nível das operações formais (12 anos), analisa, o tempo todo onde está o melhor lugar para se passar a bola e receber uma bola. Neste último, ela se desloca, pensando em criar o melhor espaço

Este estágio, o das operações concretas, bem como todos os estágios, precisam ser bem explorados na criança, para que ela não fique até mesmo, defasada ou haja atraso no desenvolvimento dos outros estágios, como temos visto ocorrer em crianças de 11 a 12 anos de idade. Pelo que temos visto, em vários autores e comparando com a real situação da criança, notamos que, muitas delas, ao entrar para a 5ª série do I grau, na idade de 11 e 12 anos, não correspondem ao que deveriam corresponder em relação às fases de desenvolvimento estudadas.

Voltamos a dizer que estes períodos de desenvolvimento, não devem ser vistos rigorosamente em sua faixa etária, achando que uma delas começa onde, exatamente, termina a outra, mas que há algo de incomum na criança que se mostra totalmente aquém do mínimo do padrão estabelecido.

VI. A EDUCAÇÃO FÍSICA E O ASPECTO AFETIVO-SOCIAL DA CRIANÇA NO ENSINO DE 1º GRAU

Para compreendermos a importância da Educação Física no desenvolvimento social da criança, veremos um pouco de como ocorre este desenvolvimento, entendendo-o, não como um simples desenrolar de dias e anos, mas como um processo complexo, cujo início se dá no nascimento.

"Desde o início do desenvolvimento psicomotor inicia-se o processo de socialização, uma vez que o equilíbrio da pessoa só pode ser pensado pelo / e na relação com outrem".²

A criança nasce e dá início ao desenvolvimento de sua personalidade. Ela começa a conhecer-se e distinguir-se como "eu", uma pessoa com pensamentos, sentimentos e vontades. Cresce e percebe suas aptidões, recursos, faltas, limitações.

Não há limites definidos de desenvolvimento ou regras, mas, vemos características que marcam certas idades como: a criança de 7 anos de idade, na 1ª série do I grau, começa a perceber-se corporalmente. Isto faz com que ela se volte para dentro de si "eu". Já a criança de 8 anos comunica-se com espontaneidade, buscando amizades com outras crianças.

Na de 9 anos - 3ª série do I grau - podemos notar que, solta-se para si mesma procurando aprender e aperfeiçoar determinadas habilidades. Já a de 10 anos, mostra-se descontraída e de fácil convívio social.

No processo de interação social, colocamos em destaque, 3 situações bem comuns, decorrentes do "viver em sociedade" do ser humano: a competição, a cooperação e o conflito(1).

Como estamos falando em educação, estas são situações bem comuns no dia-a-dia da criança e a educação física pode ajudá-la a se ajustar melhor a elas.

- Competição:-

Gera oposição. Um grupo ou pessoa tenta alcançar um melhor rendimento ou resultado, que outro grupo ou pessoa. Isso pode gerar, em um grupo, uma interação positiva interna, de seus inte -

grantes ou negativa entre as partes que disputam.

Isso se torna bem visível quando separamos equipes para competir. O "grito de guerra", por exemplo, da torcida está sempre indo contra a equipe adversária e tornando os membros da própria equipe cada vez mais unidos dentro do ideal de vencer.

A competição pode ser consciente, quando há um opositor visível e declarado, ou inconsciente, quando não se tem conhecimento com quem está competindo. Ela pode ocorrer internamente, entre pessoas, entre uma pessoa e um grupo ou entre grupos.

- Cooperação:-

Pode ser contrutiva, quando é usada para o bem estar do grupo, ou destrutiva, quando o grupo pode cooperar para a destruição de um de seus elementos.

A cooperação é gerada dentro de um grupo quando em competição. Eles se unem num mesmo objetivo.

- Conflito:-

Já o conflito, não é aceito, pela maioria das sociedades como tendo um valor positivo. Ele pode variar de uma pequena situação como, duas crianças brigando por uma bola, ou de um grande conflito entre duas nações que brigam por um pedaço de terra. O conflito não pode ser evitado; no entanto é preciso que, no caso da educação física, o professor aprenda a lidar com as situações aproveitando e utilizando de suas vantagens para que torne o mais positivo possível, o seu resultado, como por exemplo, a construção das regras de um jogo. Quando o professor propõe um jogo e lança para as crianças à formulação de regras para este, há situações de conflito onde o professor terá de intermediar as discussões levantando hipóteses e chegando a um consenso geral, tornando-o, assim, positivo. Isso gera, em muitas crianças, ceder parcialmente em seus desejos e expectativas., o que não deixa de gerar também cooperação.

Diante de todas estas questões levantadas, vemos que a estrutura social de um ser humano, pode ser avaliada em situação

de grupo e que a educação física deve tratar da criança como um ser
uno, visto em sua globalidade.

Dentro deste aspecto - o social - a educação física leva
grande vantagem sobre outras matérias, pois nela, a criança tem a
oportunidade de estar sempre em situação de grupo, onde as circuns-
tâncias variam muito.

CONCLUSÃO:-

Caberiam neste trabalho, várias outras colocações que não foram possíveis de ser detalhadas.

Diante de todas as coisas que vimos, podemos concluir que a educação física, aquela que respeita as individualidades, pode , contribuir em muito para o bom crescimento da criança.

Se o professor souber utilizar de jogos, brincadeiras, e outras atividades, que não sejam monótonas e repetitivas. fará com que a criança se interesse, cada vez mais por aulas , tornando-a mais cativante, suprimindo assim, suas necessidades de conhecer-se, a-perfeiçoar-se e integrar-se melhor à sociedade.

Se o profissional de educação física tomar consciência da importância que pode exercer sobre a vida da criança, muitos mudarão sua filosofia de trabalho.

Que o professor tenha sempre em mente a criança. Que ela precisa compreender-se e saber do que é capaz de realizar.

Que tenha consciência de si mesma, de seu corpo. Assim , tomará consciência também, do mundo que a cerca, tornando-se mais completa e feliz, sabendo que ocupa um lugar no espaço e que é importante para a sociedade em que vive.

"... a maneira mais eficaz de levar um indivíduo a integrar-se num grupo é desenvolver primeiramente suas aptidões pessoais e consolidar sua imagem do corpo..."

Le Boulch.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) GO TANI Educação Física Escolar; 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 1988.
- (2) FREIRE, João Batista. Educação de Corpo Inteiro; teoria e prática da educação física. 1ª ed. São Paulo: Scipone, 1989 (Pensamento e Ação no Magistério).
- (3) RESENDE, Helder Guerra de. Os "Descaminhos" da Educação Física Escolar. Revista SPRINT - Ano IV nº 2,
- (4) PAES, Roberto Rodrigo Treinamento Precoce: O caso do Basquetebol. Dissertação de Mestrado. Piracicaba, UNIMEP, 1990.